

DISCUTIR AS ORIGENS: APONTAMENTOS PARA UM DEBATE ACERCA DA INFORMAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB O OLHAR DA MEDIAÇÃO

Resumo: O presente ensaio visa discutir as origens e as correntes da área da Ciência da Informação, com especial destaque a perspectiva da mediação. Apresenta, a partir de pesquisa bibliográfica, um breve contexto histórico da área nos Estados Unidos e Europa, e discute que embora nascida de modo relacionado à informação científica e tecnológica, a Ciência da Informação também se preocupa com a diversidade de informações que circulam na sociedade e com os diferentes grupos que precisam e usam a informação. Essas definições e relações com outras áreas levantam questões importantes, como a falta de consenso na área sobre a definição conceitual do seu objeto de estudo, mas também sua característica de ciência aberta à diversidade de temas e pensamentos, como as demais áreas científicas. Enfim, entender a pluralidade de questões, finalidades profissionais e percursos históricos da área em diferentes lugares auxilia a compreensão de que não existe apenas uma Ciência da Informação legítima e possível. Neste cenário, a perspectiva da mediação se torna relevante para se pensar a área atualmente, entendendo que a informação é construída na relação com o sujeito em suas dimensões social, pragmática e teórica.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Mediação. Perspectiva crítica.

Tamara Souza Brandão Guaraldo
Doutora em Ciência da informação,
Professora do Departamento de
Comunicação Social, Universidade
Estadual Paulista (UNESP),
Bauru - SP, Brasil.
tamaraguaraldo@gmail.com

Oswaldo Francisco Almeida Junior
Doutor em Ciências da Comunicação,
Professor do Programa de Pós-
graduação em Ciência da informação,
Universidade Estadual Paulista
(UNESP),
Marília - SP, Brasil.
ofaj@ofaj.com.br

DISCUSS THE ORIGINS: NOTES FOR A DEBATE ABOUT INFORMATION AND INFORMATION SCIENCE UNDER THE GAZE OF MEDIATION

Abstract: This essay aims to discuss the origins and currents of the area of Information Science, with special emphasis on the mediation perspective. It presents, from a bibliographical research, a brief historical context of the area in the United States and Europe, and discusses that although born in a way related to scientific and technological information, Information Science is also concerned with the diversity of information that circulates in society and with the different groups that need and use the information. These definitions and relationships with other areas raise important questions, such as the lack of consensus in the area about the conceptual definition of its object of study, but also its characteristic of science open to the diversity of themes and thoughts, as the other scientific areas. Finally, understanding the plurality of issues, professional purposes and historical pathways of the area in different places helps to understand that there is not only a legitimate and possible Information Science. In this scenario, the perspective of mediation becomes relevant to think the area currently, understanding that information is built in the relationship with the subject in its social, pragmatic and theoretical dimensions.

Keywords: Information science. Mediation. Critical perspective.

1 INTRODUÇÃO

A noção de informação tem sido bastante utilizada para se referir a contemporaneidade, denominada por certos autores como Era da Informação (CASTELLS, 2008; BURKE, 2003). Para se definir a sociedade contemporânea, os autores utilizam os termos Sociedade da Informação e também o de Sociedade do Conhecimento, com a finalidade de conceituar as transformações que ocorrem no mundo atual (QUÉAU, 1998; WERTHEIN, 2000; MATELLART, 2006). Nota-se que a informação adquire caráter central, notadamente nos aspectos evidenciados pelos estudos sobre mediação da informação nos quais os conceitos de informação passam a ser questionados. As concepções que relacionavam informação como coisa, como mercadoria ou a entendiam como algo palpável, concreto, tangível, até então hegemônicas na área, perdem sua aura intocável e passam a ter que defender e explicar suas bases teóricas. A mediação da informação entende a informação como um processo, como algo que se constrói e se transforma em conhecimento quando apropriada.

Porém, a partir de um vocabulário dado, nas relações geradas pela gestão, acesso, transmissão, recepção e uso da informação, emergem questões epistemológicas movidas pela dimensão social e tecnológica da mediação entre informação e sociedade. Nesse artigo, abordamos questões conceituais, incluindo-se uma discussão sobre a abordagem que a mediação da informação traz para a área.

Esse artigo se desenvolve por meio de um estudo exploratório que compreende o uso de pesquisa bibliográfica com síntese e diálogo das fontes utilizadas, resultando num processo de escrita própria em que se privilegia a reflexão que surge do contato com as fontes e do confronto com a observação da realidade (DMITRUK, 2004).

2 O SURGIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O CONCEITO DE INFORMAÇÃO

A informação surge com status de ciência no contexto internacional do período pós-guerra, aliada ao desenvolvimento tecnológico e uso do computador para tratamento e recuperação de registros. Ao final da década de 1960, o estudo da informação passa a ser definido como Ciência da Informação (*Information Science*), e mudando, inclusive, a

denominação de institutos¹ (BORKO, 1968). Também vinculada à Biblioteconomia e à Documentação, a CI funda sua identidade no panorama das Ciências Sociais Aplicadas, com o propósito de solucionar problemas de informação da sociedade.

A Biblioteconomia ganhou impulso na Europa após a Revolução Francesa (1789-1799) com a consolidação das bibliotecas públicas para atender as demandas sociais por educação e cultura. Nos Estados Unidos a área se desenvolveu a partir do fenômeno da biblioteca pública, que atraiu a atenção de estudiosos da Escola de Chicago nos fins do século XIX até a primeira metade do século XX, que delinearam um modelo de biblioteca como instituição social organizada. A Escola de Chicago foi desde o início do século XX o berço de um projeto de construção de uma ciência social de bases empíricas. Seu foco foram os estudos microsociológicos dos modos de organização das comunidades em harmonia com a reflexão sobre o papel da ciência na resolução de desequilíbrios sociais. Estudos sobre as cidades e seus índices de desorganização, de aculturação e mobilidade: os processos pelos quais o equilíbrio social se mantém ou se ache perturbado, indo de uma ordem estável a outra. E também os estudos de comunidades em que se tenta implicar o esquema teórico da ecologia vegetal e animal ao estudo de comunidades humanas, foram objeto de atenção dos pesquisadores dessa corrente, que exprimiu posições diversas em seu interior (MATTELART; MATTELART, 2000). Os estudos de comunidades da Escola de Chicago foram considerados os precursores das pesquisas sobre administração de bibliotecas e estudos de usuários em Ciência da Informação (FIGUEIREDO, 1994). Contudo, Figueiredo (1994) afirma que muitos estudos de comunidades se afastaram dos estudos de usuários, sendo na verdade, estudos de uso, do para que as bibliotecas serviam.

É neste país que a informação adquire um valor estratégico e ideológico para o governo a partir das experiências da Primeira e Segunda Guerras Mundiais e do contexto da Guerra Fria, unida a preocupação com a recuperação da informação, acesso e uso de novas tecnologias, tendo como apoio os elementos da Biblioteconomia Especializada e da Documentação (SIQUEIRA, 2010).

Na Europa, a CI aparece sob outras configurações, e relacionada, por exemplo, à área de Documentação. A Documentação nasceu em fins do século XIX e início do século XX, impulsionada pela Bibliografia, que consistia em facilitar a pesquisa intelectual pela coleta de

¹ Caso, nos Estados Unidos, do *American Documentation Institute* que passou a se chamar *American Society for Information Science* (BORKO, 1968).

dados bibliográficos e conservação de registros, em especial, do livro². A Documentação amplia essa abordagem ao se interessar por todos os tipos de meios de informação, considerados em sua natureza múltipla, e também na sua difusão, democratizando a informação de modo amplo: “[...] a essência da Documentação reside na pesquisa e na busca de informações e, também, na sua comunicação” (RABELLO, 2009, p. 155).

Na área da CI, há um amplo panorama de interesses e também diversas correntes de pensamento. Saracevic (1995) afirma que as definições não fazem um campo, mas que as mesmas são importantes para expor os problemas que lhe são direcionados. De maneira geral, Le Coadic (2004) define a CI como a área que estuda a interface entre as pessoas e a informação registrada, suas propriedades gerais, processos de construção, comunicação e uso, também relacionada à concepção e desenvolvimento de aplicações, por meio da criação de produtos e serviços. A CI também se interessa e se relaciona com disciplinas do mesmo campo e até com outras de campos diferentes, e em particular, essas relações se fixam com ciências que ajudam a contextualizar a informação produzida e seu processo comunicacional ou de recuperação e uso, levantando questões sobre a preservação dos suportes e o processamento dos conteúdos (SILVA, 2006).

Quanto ao problema epistemológico da informação, tem-se muitas vezes a impressão de que cada autor escolhe uma definição que lhe seja mais útil, como demonstraram Wersig e Neveling (1975) ao discutirem as definições explícitas e implícitas de “informação” e “Ciência da Informação”. Para os autores, muitas abordagens diferentes são possíveis e utilizadas, mas nem sempre expressas, pois não existe um critério aceito por todos que possa determinar a escolha, e que qualquer discussão sobre informação e Ciência da Informação precisa deixar claras as definições que utilizam (WERSIG; NEVELING, 1975).

Autores importantes da área, Capurro e Hjørland (2003), percorreram a etimologia do conceito de informação em busca de seu passado, presente e futuro, apontando que a noção de informação, proveniente do latim *informatio*, significa basicamente a ação de dar forma a algo material, assim como a de comunicar conhecimento a alguém. A noção de informação foi

² Em 1895 Paul Otlet e Henri La Fontaine, ambos advogados e pacifistas, fundam em Bruxelas o Instituto Internacional de Bibliografia, iniciativa visionária e que funda uma nova disciplina: a ciência da Documentação. O instituto produz um repertório bibliográfico universal, um catálogo central de bibliotecas, um repertório iconográfico universal, arquivos documentais internacionais e um Museu internacional dos métodos de documentação. A utopia do instituto é “Fazer do mundo inteiro uma única cidade e de todos os povos uma única família”, para isso, Otlet luta para concretizar esse plano em Bruxelas ou Genebra e formula o termo “mundialismo”, a favor das redes técnicas e cidadãs, das liberdades de imprensa, expressão e associação. Quarenta anos após fundar o instituto, Otlet antecipa a ideia de uma rede das redes, que possa vincular centros produtores, distribuidores e usuários em todos os lugares do mundo (MATTELART, 2006).

destituída ao longo do tempo do seu estatuto ontológico medieval relacionado à impressão, representação de uma forma ou estrutura em um meio. E assim, passa de um processo objetivo para um processo subjetivo na Modernidade, sendo a sua raiz epistemológica o significado de comunicar algo a alguém. Os autores, ao enfatizarem o papel preponderante que a informação tem hoje em dia para o funcionamento social junto ao capital, ao trabalho e a outras matérias primas, afirmam que não existe um conceito absoluto de informação, mas que esta é ao mesmo tempo um processo e um produto de uma seleção (CAPURRO; HJØRLAND, 2003).

Acompanhando o desenvolvimento histórico do conceito de informação, Mattelart (2006) alerta que existia um interesse, por parte de filósofos da Era Moderna, na criação de uma língua capaz de organizar o saber humano, sem marcas sociais, que tornasse o erro impossível. Assim, o conceito sofre em seu princípio a influência do pensamento racional, do culto ao número e da Matemática como modelo de raciocínio e ação útil. Ao lado de uma indefinição do que é o conceito de informação, há também a vontade de aproximar a informação da Estatística, fato que ganhou impulso com o desenvolvimento de pesquisas na área de Ciência da Informação que se iniciaram juntamente com os esforços de guerra, nos Estados Unidos, durante o Século XX. A partir desse contexto, a informação passa cada vez mais a ser tomada como sinônimo de tecnologias, em detrimento de sua dimensão humana (MATTELART, 2006).

Essa configuração se deve a relevância que estudos sobre a recuperação de informação e as novas tecnologias alcançaram nos Estados Unidos, país de origem da *Information Science*. Nesse contexto se destaca a Teoria Matemática da Comunicação, “*The Mathematical Theory of Communication*”, ou Teoria da Informação, de Shannon e Weaver em 1948, e que foi de grande influência nos estudos da área. Claude Shannon e Warren Weaver eram engenheiros da Companhia Telefônica de Nova York e estavam preocupados em transmitir o maior número possível de mensagens no menor espaço de tempo ao menor custo operacional, com a menor taxa de ruído. A fonte de informação é o sistema de onde procedem as mensagens, por exemplo, na fala selecionamos através da linguagem as palavras que vamos usar. Na telefonia a fonte de informação é o cérebro da pessoa que fala (selecioneando a mensagem desejada a partir de um conjunto de mensagens possíveis – o repertório). O transmissor converte a mensagem em ondas eletromagnéticas. O sinal é uma corrente elétrica variável e o canal é um fio. O receptor é o fone que recebe o sinal e o converte em mensagem

inteligível para o destinatário, o cérebro da pessoa com quem se fala. Nesta teoria a informação é concebida como “liberdade de escolha na seleção de uma mensagem”. Para a Teoria da Informação, o conceito de informação é de caráter quantitativo e sintático, que reduz a incerteza, sem contudo, se ater a intenção do emissor, ao conteúdo e valor da mensagem, ao significado atribuído pelo receptor e ao contexto, pois representa a consequência do pós-guerra nas indústrias de telecomunicações. Há uma visão de neutralidade da informação na relação entre emissores e receptores. Nesta perspectiva a comunicação é concebida como transmissão de informação, uma “[...] linha reta entre um ponto de partida e um de chegada” e a informação adquire seu “estatuto de símbolo calculável” (MATTELART; MATTELART, 2000).

A divergência enfrentada pela perspectiva crítica da mediação frente à Teoria da Informação é a de negar a concepção clássica da comunicação como transferência de informação advinda do paradigma tecnicista. Isto porque as mediações dos processos de informação entendem que as realidades sociais investigadas “[...] são constantemente elaboradas por atores e que elas não poderiam existir sem a intervenção deles. Elas podem até desaparecer se as pessoas deixarem de apoiá-las” (JEANNERET, 2009, p. 28). O enfoque que privilegia a mediação enfatiza que nada pode ser dado como certo, neutro ou transparente nas questões informacionais. Estudos de mediação recusam uma abordagem imediata dos fatos e põem em jogo os diferentes atores, procedimentos e dispositivos envolvidos numa dimensão simbólica e prática da informação.

Contudo, um dos méritos da Teoria da Informação foi o de definir os participantes do esquema informacional: a fonte ou emissor, que produz a mensagem, o canal, que é o meio utilizado para transportar sinais, o decodificador, que reconstrói a mensagem a partir dos sinais e o receptor, a pessoa ou coisa à qual a mensagem é transmitida. Conceitos emprestados da Física, como a entropia, definida como ausência de organização, um processo aleatório, e o ruído, como distorção, se tornaram comuns na área. A entropia causa incerteza e quanto mais entropia, menor previsibilidade. A informação, sendo uma medida de incerteza, é o grau de seleção de escolha no processo de transmissão de mensagens. Numa situação previsível, não há informação. A redundância, ou medida da certeza, é o grau de previsibilidade numa mensagem. O *feedback*, realimentação ou retroalimentação, é outro conceito dessa teoria que permite ao emissor perceber se a mensagem foi recebida com fidelidade. É um processo que regula os contatos entre a fonte e o receptor.

Ainda assim, no paradigma tecnicista a informação é definida como física, quantitativa, estatística, nela o receptor é o “clone do emissor” (MATTELART, 2006), e tanto a construção de sentido, quanto o processo de dar forma ao saber que constituem a raiz etimológica do termo informação, ficam de fora. Essa teoria desconsidera o contexto histórico e social no qual estão inseridos o emissor e o receptor e a própria informação, operando um esvaziamento da realidade³.

Embora voltada às questões tecnológicas e de recuperação de informação⁴, Saracevic (1996) acredita que o foco de atenção da CI tem que vir do lado humano, ainda que a mesma não tenha o monopólio sobre os problemas de informação da sociedade ela pode contribuir a esse respeito com uma visão humana, mais do que tecnológica.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O ENCONTRO DE PERSPECTIVAS

Ao debater sobre a natureza mutante da área, Saracevic (1996) destaca suas origens e relações com outras disciplinas, e em especial com quatro campos: a Biblioteconomia, a Ciência da Computação (incluindo inteligência artificial), a Ciência Cognitiva e a Comunicação. Destacamos a Biblioteconomia, que compartilha com a CI o seu papel social e a preocupação com o uso dos registros, mas com diferenças em aspectos referentes a questões teóricas, relações interdisciplinares e o conhecimento prático derivado.

Em relação à Comunicação, o autor destaca que as relações com a CI demonstraram aos pesquisadores que “[...] o foco unilateral em informação ou em comunicação, por si mesmo é muito estreito, enfraquecendo a pesquisa em ambos” (SARACEVIC, 1996, p. 53). Isso se deve ao fato de que há um interesse comum na dimensão da comunicação humana e uma compreensão de que a informação e a comunicação devem ser estudadas em conjunto.

³ Nos Estados Unidos, no mesmo ano em que foi publicada a Teoria da Informação, Norbert Wiener, ex-professor de Shannon, e considerado o pai da Cibernética, publicou “Cybernetics or Control and Communication in the animal and the machine”. Neste livro o autor vislumbra a organização social a partir da informação e invoca o advento da “Sociedade da Informação”. Contudo, ao contrário de Shannon, que se abstém de comentar o impacto da informação na sociedade, Wiener aponta os riscos de uma desordem fundamental causada pela entropia e não hesita em denunciar as questões do controle sobre a informação. A informação, com suas máquinas e redes, é para ele a única capaz de lutar contra a tendência à desorganização, e para isso, ela deve poder circular para que a Sociedade da Informação exista num ambiente de trocas sem barreiras: “[...] ela é por definição incompatível com o embargo ou com a prática do segredo, com as desigualdades de acesso à informação e sua transformação em mercadoria” (MATTELART; MATTELART, 2000, p. 65).

⁴ Essas pesquisas foram fortemente influenciadas e impulsionadas durante a Segunda Guerra Mundial. Nos Estados Unidos do início dos anos 1930, Vannevar Bush, um dos pioneiros da CI nos Estados Unidos, diretor do US National Defense Research Committee, criou a primeira calculadora analógica completa (MATTELART, 2006). Na década de 1940 esse pesquisador idealizou uma máquina capaz de ajudar os pesquisadores a organizar e recuperar informação, chamada *memex*, unindo textos e partes de textos (BUSH, 1945). Parte do conceito de hipertexto, denominação dada por Ted Nelson em 1965, e que envolve texto, gráfico, som, vídeo, num mesmo ambiente, já era trabalhada por Vannevar Bush na década de 1940.

Para Escarpit (1981) a informação é o conteúdo da comunicação, e a comunicação o veículo da informação. É que a informação só pode existir se for comunicada, no que não se distingue do conhecimento, e a comunicação “[...] só merece ser objeto de uma ciência autônoma se faz nascer informação”, ou seja, um termo não pode ser entendido sem o outro (MEYRIAT, 1993 apud DÈVEZE, 2000, p. 37).

Na França, reúnem-se sob a mesma bandeira as áreas de CI e Ciências da Comunicação intituladas Ciências da Informação e da Comunicação (CIC, em francês SIC) interessadas na qualidade das trocas entre o jornalismo, a documentação, as bibliotecas e a informação especializada (BÉGUIN-VERBRUGGE, 2009; DÈVEZE, 2000). Para os franceses:

O termo de CIC (Ciências da Informação e da Comunicação) é finalmente conservado, por razões de eficácia: o sentimento prevalente é que a palavra mais concreta de “informação” torna um pouco mais precisa a noção vaga de “comunicação”. Assim, a denominação escolhida merece alguns comentários, pois não está desprovida de importância nem de significação [...] Ela desde então tem designado de maneira duradoura e incontestada uma nova disciplina [...] Mas é preciso ainda estar de acordo sobre aquilo que está por trás dessa denominação. Toda atividade da mente tem a informação como matéria-prima, todo processo que compromete várias pessoas supõe uma comunicação entre elas; todas as ciências sociais, portanto, encontram necessariamente a informação e a comunicação como elementos constitutivos da sociedade que devem explicar. (MEYRIAT, 1993 apud DÈVEZE, 2000, p. 36).

Nesse cenário, as CIC nasceram de modo bem distante de opções mecanicistas, e seu objeto de estudo é a troca de mensagens de toda natureza entre os sujeitos humanos e sociais, já que a comunicação entre máquinas, computadores e sistemas técnicos está fora de seu alcance (DÈVEZE, 2000).

Se a área de CI estuda questões não puramente técnicas, mas sociais, o estudo da informação exigirá a consideração dos atores envolvidos no fluxo informacional. Todavia, para Saracevic (1999) a CI não lida com a comunicação direta entre as pessoas, e nem apenas com uma avalanche de artefatos e objetos, mas com as pessoas que precisam, usam e interagem com esses documentos. Esse autor afirma que: “[...] é muito mais fácil lidar com artefatos, tecnologia e sistemas isolados, e supor seus usuários, que é a mesma coisa que esquecer-los”⁵ (SARACEVIC, 1999, p. 1062). Não obstante, isso reforça o entendimento de

⁵ Trecho original: “It’s so much easier to think of and deal with artifacts, technology, and systems alone, and assume the users, which is the same as forgetting them”.

que existe na CI a preocupação em como a informação se manifesta em determinado grupo na sociedade.

Em um texto bastante discutido na área, Buckland (1991) define três significados principais do conceito informação, que seria o de informação como processo, o de informação como conhecimento e por fim, o de informação como coisa. O uso do sentido “informação como processo” refere-se ao ato de informar, a comunicação do acontecimento; a “informação como conhecimento” denota aquilo que é percebido na informação como processo, um conhecimento comunicado, uma redução da incerteza⁶; e “informação como coisa” é atribuído para objetos e documentos que são considerados informativos por ter a qualidade de conhecimento comunicado. Para o autor, é difícil determinar o que pode ou não ser informativo e que muitas definições têm sido propostas.

Ao analisar trabalhos apresentados por renomados teóricos da área, Ingwersen (1992) comenta sobre a conferência “Conceitos de Ciência da Informação e Biblioteconomia” (Colis) ocorrida em agosto de 1991 em Tampere na Finlândia. Concomitantemente, o autor aponta as tendências em CI e identifica que a informação passa a ser vista num contexto muito mais abrangente do que era anteriormente, levando a uma investigação multimídia e com grupos sociais diversificados. Ingwersen (1992) aposta na ampliação de perspectivas com o foco na esfera humana de transferência de informação e não mais nos documentos, e ênfase nos processos de comunicação entre o ser humano e tecnologia da informação com o propósito de uso da informação armazenada. Do mesmo modo ressalta essa mudança atuando também nos termos da área, como um sintoma de transformação dos conceitos utilizados, como o termo inglês *user* (usuário) sendo substituído nas pesquisas pelo termo público ou pessoas (*human*). Essa substituição expande claramente a abrangência da CI e sua atuação na sociedade, evidenciando um interesse maior no uso e transformação da informação em conhecimento, seja no âmbito individual ou coletivo. Para o autor, não se pode limitar os estudos a um único ponto de vista, salientando as tendências da área:

- Mudança dos objetos de pesquisa, de documentos para textos e para informação transformada em conhecimento;
- Transformação dramática de objetivos baseados nas tecnologias para objetivos envolvendo a dimensão humana;

⁶ No entanto, diz o autor: “Sometimes information increases uncertainty” (BUCKLAND, 1991).

- Alteração na concepção de informação como puramente científica para informação entendida em sentido amplo;
- A não separação entre ter acesso e poder usar, mas uma visão dos processos associados (INGWERSEN, 1992).

Wersig (1993) também discute os artigos apresentados nesta conferência e afirma que sempre existiram outras tradições dentro da área de CI que não se encaixam nas abordagens tradicionais de biblioteca ou de recuperação de informação, em que os pesquisadores têm que lidar com pessoas reais.

Embora nascida de forma relacionada à informação científica e tecnológica, a CI também se preocupa com a diversidade de informações que circula na sociedade e com os diferentes grupos que precisam e usam a informação. Essas definições e relações com outras áreas levantam questões importantes para pensar a CI, como a falta de consenso sobre o campo e seu objeto de estudo, mas também sua característica de ciência aberta à diversidade de temas e pensamentos, como as demais áreas científicas. Entender a pluralidade de objetos, finalidades profissionais e percursos históricos da área em diferentes lugares auxilia a compreensão de que não existe apenas uma CI legítima e possível, apesar da predominância das teorias vindas dos Estados Unidos.

Enfim, Saracevic (1999) considera que esses debates acabam por ser ingênuos e inúteis em qualquer campo quando se busca uma “definição apropriada”, pois uma ciência acaba por se definir em relação aos problemas a ela direcionados e aos métodos que usa em busca das soluções. Zins (2007) demonstrou em seu estudo epistemológico “Mapa de Conhecimento da Ciência da Informação”, com a realização de um amplo painel de pesquisadores de 16 países no campo da CI através do método Delphi, que existe uma multiplicidade de entendimentos no que se refere a esta disciplina. Para o autor, não há uma definição uniforme para CI, e nem para seus conceitos fundamentais como dado, informação e conhecimento. O campo da Ciência da Informação parece seguir diferentes abordagens e tradições, sendo a maioria dos participantes da pesquisa caracterizada como representante de um modelo de aproximação cultural. Esse modelo define a CI como o estudo dos aspectos mediadores dos fenômenos dado, informação, conhecimento e mensagem, realizados no domínio da cultura (ZINS, 2007).

A Ciência da Informação, como outras áreas do saber científico, é um campo de tensões, disputas e embates, historicamente constituído, e por isso mesmo, em transformação

constante. A discussão epistemológica ou da crítica do conhecimento que se está produzindo na área é, portanto uma questão central.

4 O CONTEXTO BRASILEIRO E O OLHAR DA MEDIAÇÃO

Numa época em que o conhecimento, a comunicação, os sistemas de significado e uso da linguagem se tornam objeto de pesquisa científica e tecnológica, a Ciência da Informação surge “[...] como um conjunto de saberes agregados por questões antes que por teorias” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000). Assim, a CI apresenta em seu programa de pesquisa os delineamentos da sociedade industrial e seu paradigma econômico, social e político.

No Brasil, a adesão a esse modelo de industrialização e desenvolvimento influencia a configuração da área, que se volta ao setor da informação científico-tecnológica, reformulando um campo que era quase exclusivamente ocupado por estudos em instituições de memória e documentação.

Contudo, a questão da relação entre informação e sociedade também aparecia em uma abordagem crítica da área no país. Essa perspectiva aponta como imprescindíveis a historicidade para a compreensão da informação na sociedade, a sua inserção social e o contexto global, com estudos que relacionam a informação à cidadania, a ação cultural, a exclusão informacional e processos de leitura (ARAÚJO, 2004).

Durante o XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em João Pessoa em 1982, Paulo Freire (2006) afirma não ser possível pensar as instituições educacionais, incluindo-se aí as bibliotecas, fora da questão do poder, já que a educação não apenas reproduz a ideologia dominante, mas também a confronta pela realidade vivida pelos educandos e educadores, impossibilitando uma educação neutra. O autor destaca o papel da biblioteca popular em programas de alfabetização, atuando como um centro cultural em que a leitura do mundo e da palavra se entrelaça no contexto de quem lê e de quem escreve: “[...] já não é possível texto sem contexto” (FREIRE, 2006, p. 30).

Paulo Freire (2006) convida os profissionais da informação a pensar sobre os acervos das bibliotecas e sua relação com o povo; a realizar o levantamento histórico do local em que a biblioteca está inserida; a construir um acervo de histórias a partir dos testemunhos dos moradores mais velhos e populares famosos; e também a divulgar essas informações coletadas, em materiais que poderiam ser intercambiáveis.

É a partir da década de 1990 que González de Gomez (2000) identifica um maior vigor nos estudos que relacionam informação e conhecimento, com novos conceitos vindos de pesquisas sobre gestão do conhecimento, inteligência organizacional, levando a um deslocamento da centralidade da informação científico-tecnológica para novos cenários em organizações. A autora nota também um reavivamento das relações entre a informação e o texto, o discurso e a leitura, com novas possibilidades de interface, exploração de diferentes possibilidades de interação trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação. E novas mudanças se anunciam com o uso dessas tecnologias, não só no setor de serviços, mas em escolas, hospitais, nos governos e também nas residências, ampliando a infraestrutura de informação em toda a sociedade.

A perspectiva crítica chega até os dias atuais com preocupações relacionadas à Sociedade da Informação, as questões da democratização, do acesso e da exclusão informacional (ARAÚJO, 2004). E se a informação ocupa um lugar central nas mais diversas atividades sociais, não deixa de ser, contudo, um termo fugidio, que indica um processo, um fenômeno e um produto em diferentes contextos de ação, como ressalva a autora:

É esse desencontro da informação com ela mesma, o fato de que ela pode doar uma “alteridade” a uma teia auto-suficiente de significados – a custo de perder-se e recriar-se constantemente como forma do *alter*, o que fica aberto nos jogos substantivos das narrativas, como fluxos de dados e experiências de texturas intrincadas. (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1990, p. 121).

González de Gomez (1990) vai além e defende que o domínio da CI não estaria preso a uma qualidade da informação - o fato de ser científica, tecnológica etc – mas a um “ponto de vista” numa zona transdisciplinar de dimensões sociais, antropológicas, comunicacionais e cognitivas que não teria a informação como objeto, mas suas pragmáticas, as relações com a informação. E adverte: “[...] esse objeto da Ciência da Informação não seria logo uma ‘coisa’, ou uma “essência” de uma região de fenômenos, mas um conjunto de regras e relações tecidas entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1990, p. 121).

Considerar a informação na perspectiva da relação é também a posição de Almeida Junior (2007), pois a informação, nos diz o autor, é intangível e não existe *a priori*, sendo disforme e moldável ao acervo de conhecimentos de quem a busca. O objeto da área de CI identificado como informação, e mais especificamente, a informação em uma forma externa

de registro, é criticado pelo autor para quem a informação se concretiza na relação, o que pressupõe atores envolvidos no processo, pois ela não se apresenta construída, como algo dado e nem é apenas uma transferência de um ponto a outro (ALMEIDA JUNIOR, 2009). Ao se transformar a informação em coisa, corre-se o risco de ocultar a sua relação social, que aparece naturalizada como algo independente dos homens e não um processo da atividade humana.

Certamente que a informação não pode ser observável fora de sua verbalização ou registro em um documento. O problema é fazer crer que não se pode haver informação desde que não seja registrada. Porque as bibliotecas e arquivos armazenam livros, documentos, jornais, revistas, catálogos, fichas, CD's, e não informação. A informação se utiliza dos documentos como veículos, suportes ou meios, porém, o que está neles pode ou não ser informativo, pois isso depende da mediação, de constituir-se numa relação com o outro – usuário- e com os materiais de leitura. A informação não se apresenta construída e nem antecipada no meio, não é previsível, e se concretiza apenas no momento da mediação, na relação usuário e meio, estando, portanto nesses ambientes, em potência.

Brookes (1980) afirmou que conceituar informação e pensar seus problemas básicos não era uma questão nova, mas que ainda oferecia dificuldades aos cientistas, apesar da informação ser uma entidade que impregna toda atividade humana, como destacou:

O espaço aparentemente vazio ao nosso redor está fervendo com informação potencial. Muitas coisas que não temos consciência, porque nossos sentidos não respondem a ele. Muito disso ignoramos porque temos coisas mais interessantes para realizar. Mas não podemos ignorar se estamos buscando uma teoria geral da informação⁷. (BROOKES, 1980, p. 132).

Logo, a informação é potencial até ser recebida, é o desconhecido, o conflito, é fluida e de vida efêmera, e mesmo se voltando ao indivíduo, tem sua dimensão coletiva, pois é histórica e dependente de uma interação social e simbólica (ALMEIDA JUNIOR, 2008). Na perspectiva da mediação:

A informação existe apenas no intervalo entre o contato da pessoa com o suporte e a apropriação da informação. Como premissa, entendemos a informação a partir da modificação, da mudança, da reorganização, da

⁷ Trecho original: “[...] The seemingly empty space around us is seething with potential information. Much of it we cannot be aware of because our senses do not respond to it. Much of it we ignore because we have more interesting things to attend to. But we cannot ignore it if we are seeking a general theory of information”. (BROOKES, 1980, p. 132).

reestruturação, enfim, da transformação do conhecimento. Assim entendida, ela, informação, não existe antecipadamente, mas apenas na relação da pessoa com o conteúdo presente nos suportes informacionais. Estes são concretos, mas não podem prescindir dos referenciais, do acervo de experiências, do conhecimento de cada pessoa. (ALMEIDA JUNIOR, 2009, p. 9).

Portanto, há que se refletir sobre qual é a parcela da sociedade que possui habilidades e competências para decidir, buscar, processar e transformar a informação disponível em conhecimento para transformar a si e à própria sociedade. Existe uma contradição no conhecimento, que é diádico, sendo ao mesmo tempo individual e dependente do outro, do contexto e da sociedade na ação de conhecer. Esse processo de ação, que vai do contato com a informação até a alteração e construção do conhecimento de uma pessoa, é denominado de mediação da informação (ALMEIDA JUNIOR, 2007).

A pessoa possui um conhecimento prévio e o constrói na relação com os outros e com o mundo. Assim, a informação altera um conhecimento preexistente, interferindo na construção desse novo conhecimento. O conhecimento, apesar de individual, não é construído de maneira isenta, mas ao contrário, contando com todas as influências sociais, políticas, econômicas, culturais, etc., resultantes da relação da pessoa com o mundo. (ALMEIDA JUNIOR, 2009, p. 97).

Estudos de mediação da informação englobam práticas e processos nos quais se destacam as ações de interferência em relação à informação, que podem ser desde ações diretas e conscientes, até indiretas e inconscientes, individuais ou coletivas, singulares ou plurais, que propiciem a apropriação da informação⁸ (ALMEIDA JUNIOR, 2009).

Uma preocupação da área refere-se não somente à gestão e a organização da informação, mas de como as pessoas se apropriam dessa informação. A informação não está no objeto e nem no sujeito, mas na mediação que se estabelece entre eles: “[...] a mediação da informação é um processo histórico-social. O momento em que se concretiza não é um recorte de tempo estático e dissociado de seu entorno. Ao contrário; resulta da relação dos sujeitos com o mundo” (ALMEIDA JUNIOR, 2009, p. 93).

⁸ Almeida Junior (2008) propõe inclusive reconsiderar o objeto da área de CI que passaria a ser a mediação da informação. Um dos motivos é que as atividades culturais perpetradas por agentes informacionais são, muitas vezes, desconsideradas como próprias à área, devido a sua efemeridade. Para um maior entendimento do conceito de mediação, ver Bortolin (2010) que em sua tese realizou amplo levantamento bibliográfico sobre o termo na área de Ciência da Informação e outros domínios.

Este processo de orientação dos seres humanos no mundo não pode ser compreendido, de um lado, de um ponto de vista puramente subjetivista; de outro, de um ângulo objetivista mecanicista. Na verdade, esta orientação no mundo só pode ser realmente compreendida na unidade dialética entre subjetividade e objetividade. Assim entendida, a orientação no mundo põe a questão das finalidades da ação ao nível da percepção crítica da realidade. (FREIRE, 2011, p. 67).

Como seres históricos, somos capazes de optar, decidir, avaliar, pois toda ação humana envolve uma finalidade, ingênua ou crítica, e agir sobre um objeto significa não apenas compreendê-lo, mas também analisar a percepção que dele se tinha ou se tem ao atuar sobre ele: “[...] o ato de conhecer envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta a uma nova ação” (FREIRE, 2011, p. 80).

Não adotamos, contudo, na perspectiva crítica uma abordagem abstrata em que a informação é vista da maneira em que está presente na mente de alguém a partir da leitura de um documento, focando os indivíduos em comportamentos únicos, específicos. Pois, para a perspectiva crítica, a concepção materialista do indivíduo não se deixa encerrar na análise de uma consciência individual, pois as realidades naturais e das práticas escapam ao exame isolado de uma consciência (LEFEBVRE, 2010). Não há na mediação a primazia do individualismo, pois as ideias que o indivíduo tem sobre as coisas – o mundo das ideias – nada mais são do que o mundo real, material, expresso e refletido na cabeça das pessoas, ou seja, as ideias são construídas pela prática e pelo contato ativo com o mundo exterior num processo complexo que envolve toda cultura. No entanto, o materialismo admite que o indivíduo, sem dúvida, pode opor-se ao interesse comum e é por isso que se desenvolve em duplo sentido: sua individualidade desenvolve-se ao curso de sua própria vida, mas a individualização humana se desenvolve ao longo da história, sendo tanto um fato social quanto histórico, e em cada época há um tipo de individualidade (LEFEBVRE, 2010). A contradição existe tanto nas pessoas quanto na sociedade e o ser humano é, portanto, um ser ambivalente.

Portanto, na perspectiva crítica da mediação, a informação resulta da relação entre o sujeito e o objeto numa situação de mudança, uma reorganização e transformação do conhecimento, e que para ser comunicada necessita de um meio que a materializa e divulga, mas, não se pode esquecer que este meio pode ser a própria voz humana, através da palavra falada, pois antes mesmo da invenção da escrita as pessoas recontavam histórias e

experiências, disseminavam informações que se estendiam no tempo e no espaço, na memória de geração em geração⁹.

5 O CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da literatura apresentada, julgamos que o conceito de informação não é ponto pacífico na área e nem pode ser considerado neutro, conseqüentemente, apresenta várias nuances e relações. Para Ilharco (2003, p. 38) o conceito de informação não é óbvio e nem neutro, portanto pode ter significados diferentes e gerar possibilidades diversas. Neste enfoque, consideramos “informação” em uma perspectiva crítica, relacional, e que é sempre dependente da ação de sujeitos, do contexto e das relações entre esses e a sociedade na qual se informam e são informados. Assim, a informação não é dada a priori, pois é cultural, histórica, simbólica e relacional, portanto, não é limitada ao registro, embora prescindida dele, mas está nos suportes em potência, sendo apropriada nas mediações que permitem sua dimensão social.

Daí que a informação tem seu alcance coletivo, e pode ser compreendida como a partilha de um mundo em comum, contextualizado, na relação entre a comunidade e seu horizonte de compreensão prévia compartilhado pelos participantes das práticas de informação (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2002).

Reconhecendo a arqueologia do conceito, se a informação em sua raiz etimológica, significa a ação ou o processo que forma interiormente, uma ação que informa; é, portanto relacionada às práticas sociais que geram a produção de sentido e as mediações que possibilitam sua apropriação social. Assim, afastando-se de uma concepção ingênua de informação, que a concebe como neutra, “uma realidade em si”, ou cristalizada em sistemas técnicos, a informação é a realidade de uma experiência contemporânea quase inteiramente mediada, em que seu caráter social e cultural constrói questionamentos a partir de sua produção e apropriação coletiva (ALMEIDA, 2008).

Quanto à área de CI, reiteramos que não existe uma abordagem única do que é o campo Ciência da Informação, por isso a importância de se estudar e conhecer as definições

⁹ Levi Strauss (1993) ao estudar como os mitos se transformam entre os indígenas, de uma sociedade a outra, afirma que as modificações afetam ora a envoltura, ora o código e também a mensagem do mito, mas sem que este deixe de existir como tal, sem perder a sua compleição. Ainda que esta informação pareça incerta e disforme, ela está registrada nas estruturas da sociedade, na memória coletiva de um grupo social. O vocábulo mito vem do grego, *mythos*, e significa enredo ou estrutura, que em seu sentido original, aproxima-se do termo latino *forma*, utilizado para se definir informação (MCGARRY, 1999).

sobre o objeto da área numa perspectiva crítica, questionadora, com o intuito de contribuir para a caracterização de paradigmas em desenvolvimento, como o da mediação, eventualmente confrontando-os com as bases originais da Ciência da Informação como área científica.

A mediação abre uma perspectiva crítica e relevante para se pensar a área atualmente, a de que a informação é construída na relação com o sujeito, e, portanto dependente da apropriação do usuário. Se a tarefa do conhecimento, é, como quer Adorno e Horkheimer (1985), revelar suas “rachaduras”, não existe aqui a pretensão de encontrar respostas. Muitas não serão facilmente respondidas. A mediação da informação abrange e exige de nós uma perspectiva crítica que abarque suas dimensões social, pragmática e teórica, que discuta a relação entre usuários, sociedade, informação e conhecimento, de modo a não separar as perspectivas universais do contexto particular em que os fenômenos ocorrem e são observados.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: 1985.

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 01-24, 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/6/12>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, informação e mediação. In: VALENTIM, M. (Org.) **Ambientes e fluxos de informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 71-81.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, 2009, Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

_____. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M.L.P. (Org.) **Gestão da informação e do conhecimento: no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

_____. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J.P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

ARAÚJO, C.A. A ciência da informação como uma ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/29/26>>. Acesso em: 23 set. 2012.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

BROOKES, B.C. The foundations of information science: Part. I. Philosophical aspects. **Journal of Information Science**, v. 2, n. 3/4, p. 125-133, 1980.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p.3 51-360, 1991. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

BUSH, V. As we may think. **Atlantic Monthly**, v.176, 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>> .Acesso em: 28 fev. 2004.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. In: ENCUENTRO INTERNACIONAL DE EXPERTOS EM TEORÍAS DE LA INFORMACIÓN: UN ENFOQUE INTERDISCIPLINAR, 1., León, 2008. **Anais...** Espanha: Universidad de Leon, 2008. Disponível em: <<http://www.capurro.de/leon.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

_____. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. (CD-ROM).

_____.; HJØRLAND, B. The concept of information. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)**, v. 37, p. 343-411, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com**: Revista de Ciência da Informação e Comunicação do CETAC, Portugal, n.4, 2007. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2009.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/250>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

DÈVEZE, J. As ciências da informação e da comunicação na França: no caminho de uma hermenêutica da troca humana e social. In: LOPES, M. I. V.; FRAU-MEIGS, D.; SANTOS,

M. S. T. (Orgs.) **Comunicação e informação**: identidades e fronteiras. São Paulo: Intercom; Recife: Bagaço, 2000. p. 21-40.

DMITRUK, H.B. Pesquisa bibliográfica e outros tipos de pesquisa. In: DMITRUK, H.B. (Ed), **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. 6ª ed. Chapecó: Argos, 2004, p. 67-76.

ESCARPIT, R. **Teoría general de la información y de la comunicación**. 2 ed. Barcelona, Espanha: Icaria Editorial, 1981.

FIGUEIREDO, N. M. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

_____. Estudos de usuários como suporte planejamento e avaliação de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 27-35, 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1438>>. Acesso em: 24 Jun. 2012.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, M. A. **O campo da ciência da informação**: gênese, conexões e especificidade. João Pessoa: UFPB, 2002. p. 25-47.

_____. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramZero**, v.1, n.6, 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm>. Acesso em: 09 jun. 2009.

_____. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-22, 1990. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1376>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

ILHARCO, F. **Filosofia da informação**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

INGWERSEN, P. Conceptions of Information Science. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.) **Conceptions of Library and Information Science**: historical, empirical and theoretical perspectives. London: Taylor Graham, 1992. p. 299-312.

JEANNERET, Y. A relação entre mediação e uso no campo de pesquisa em informação e comunicação na França. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (RECIIS)**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 25-34, 2009. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/276/318>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

LE COADIC, Y.F. **A Ciência da Informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural dois**. 4.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MCGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. ; MATTELART, M. História das teorias da comunicação. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

QUÉAU, P. A revolução da informação: em busca do bem comum. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 198-205, 1998. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/365>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

RABELLO, R. **A face oculta do documento**: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação. 2009. 331f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

SARACEVIC, T. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

_____. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/235/22>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

_____. A natureza interdisciplinar da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/530>>. Acesso em: 07 out. 2010.

SILVA, A.M. **A informação**. Da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

SIQUEIRA, J. C. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 52-66, 2010. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1124/771>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

WEAVER, W. A teoria matemática da comunicação. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Companhia Editora Nacional, 1971. p. 25-37.

WERSIG, G. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.

_____. ; NEVELING, U. The phenomena of interesting to Information Science. **Information Scientist**, v. 9, n. 4, p. 127-140, 1975.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/257>> Acesso em: 15 ago. 2009.

ZINS, C. Knowledge Map of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science (JASIST)**, v. 58, n. 4, p. 526-535, 2007. Disponível em:
<<http://www3.interscience.wiley.com/journal/114071693/abstract>>. Acesso em: 01 maio 2009.